

Entre Europa e América: a escrita da história da Educação na Argentina por Lorenzo Luzuriaga

Jorgelina Mendez*

Resumo:

A obra de Luzuriaga, *História da Educação e Pedagogia*, se distingue por ser um livro publicado na América, mas escrito por um europeu. A partir desse ponto, surge o nosso interesse em analisar as visões de ‘América’ que estão por trás desse livro e, assim, entender como eles se relacionam com a ‘história da educação’ no continente. No entanto, é necessário contextualizar esse texto, publicado originalmente na Argentina. Por um lado, em relação ao autor e à sua carreira como intelectual, professor universitário, autor e editor de inúmeras obras e, por outro, em relação à historiografia da educação na Argentina. Nosso objetivo primordial, nesse sentido, é pesquisar as características do seu trabalho e os olhares sobre a América, com foco nas palavras usadas para nomear o continente ao longo do livro.

Palavras-chave:

manuals de ensino; trabalho editorial; escrita da história da educação; historiografia da educação argentina; representações de América.

* Doutoranda em Ciências da Educação na UNLP (La Plata/ARG). Membro do programa de investigação *Historia, Política y Educación* do Núcleo de Estudios Educativos e Sociales da UNCPBA (Tandil/ARG). Bolsista do CONICET.

Between Europe and América: writing the history of Education in Argentina by Lorenzo Luzuriaga

Jorgelina Mendez

Abstract:

The book *History of Education and Pedagogy* by Lorenzo Luzuriaga has the distinction of being a book published in America but written by a European. From this point emerges our interest in analyzing the visions of 'America' that underlie this book, thus understanding how they relate to the 'history of education' on this continent. However, it is necessary to contextualize this text, originally published in Argentina. On the one hand, in relation to the author and his career as an intellectual, college professor, author and editor of numerous books; on the other hand, in relation to the historiography of education in Argentina. We investigate the characteristics of his work and then get into the visions that the author introduces about America, focusing on the words he used to name the continent throughout the book.

Keywords:

textbooks; editorial work; history of education writing; historiography of Argentine education; renderings of America.

Entre Europa y América: la escritura de la Historia de la Educación en Argentina por Lorenzo Luzuriaga

Jorgelina Mendez

Resumen:

La obra de Luzuriaga *'Historia de la Educación y de la Pedagogía'* tiene la particularidad de ser un libro publicado en América, pero escrito por un europeo. A partir de este punto surge nuestro interés en analizar las visiones sobre 'América' que subyacen a este libro, buscando comprender cómo se relacionan con la 'historia de la educación' en el continente. No obstante, es necesario contextualizar este texto publicado originalmente en Argentina. Por un lado, en relación al autor y su carrera como intelectual, profesor universitario, autor y editor de innumerables obras y, por otro, en relación a la historiografía de la educación en Argentina. Nuestro principal objetivo, en este sentido, es investigar las características de su trabajo y las miradas sobre América, haciendo énfasis en las palabras usadas para nombrar al continente a lo largo del libro.

Palabras clave:

manuales de enseñanza; trabajo editorial; escritura de la historia de la educación; historiografía de la educación argentina; representaciones sobre América.

Introdução

Por descuido ou omissão, a América Latina não comparece nos livros de história da educação da Argentina até o aparecimento, em 1984, de Modelos Educativos en la Historia de América Latina, de Gregorio Weimberg (1984). Grosso modo, a disciplina História da Educação se conformou na Argentina enquanto ‘história institucionalista’ ou ‘história das ideias educacionais’, seguindo tradições e modelos teóricos tipicamente europeus. Desde a segunda metade do século XIX, encontramos livros, ensaios, histórias e estudos que abordam os níveis de escolaridade e as instituições de ensino, mas a produção de textos especializados em história da educação tem início apenas no período entreguerras. Uma das razões pelas quais não há uma produção sistemática antes dessa data é porque a História da Educação se apresentou irregular nos currículos de formação docente, o que engloba a Escola Normal (nível primário), os cursos de formação de professores (ensino secundário) e os Institutos de Ensino e as Universidades (nível superior). Diante dessa constatação, o principal impulso para a produção de manuais de História da Educação na Argentina ocorre com a reforma do currículo de formação de professores de 1949, responsável por incluir a disciplina como matéria regular, momento também em que o conteúdo de História da Educação passa a compor os cursos de Pedagogia nas universidades. Desde então, há um corpo substancial de livros e manuais de ensino (História da Educação geral e argentina): Zuretti, 1948, Solari, 1949; Manganiello e Bregazzi, 1953, entre outros, representantes da tradição católica e ‘espiritualista’, que encontrava sua marca distintiva na relação com a pedagogia e a filosofia (ASCOLANI, 2011). Nesse mesmo período, em 1951, foi publicado na Argentina o livro *História da Educação e da Pedagogia*¹, de Lorenzo Luzuriaga, um pedagogo espanhol exilado na Argentina por conta da oposição ao regime de Franco. Por seu prestígio como professor, ingressou no universo acadêmico, primeiro na Universidade de Tucumán e, em seguida, em Buenos Aires. Tal obra, singularizada por ser um texto escrito por um autor europeu em território sul-americano – e, portanto, uma obra simultaneamente europeia e americana – não está, todavia, entre os títulos mais estudados pela historiografia da educação na Argentina. Ainda assim, *História da*

¹ Publicado originalmente (em espanhol) como *Historia de la Educación y de la Pedagogía*.

Educación e da Pedagogia é um livro muito importante no campo da educação na Argentina, com ampla divulgação, tendo chegado a 22 edições no intervalo de 1951 – ano em que foi lançado – até 1994.

Consoante a tais considerações, objetiva-se, com este trabalho, capturar a essência, acreditamos, dual do trabalho de Luzuriaga, por intermédio de uma análise que abarque o legado de sua experiência espanhola com as miradas manifestadas pelo autor em relação ao continente americano, especificamente ao que chamamos América Latina, enfatizando, complementarmente, a importância específica do livro mencionado há pouco.

Cotejando-o com os compêndios produzidos por autores argentinos, o manual de Luzuriaga é particularmente valioso por permitir observar e comparar as referências e ideias sobre a América Latina que circulavam no campo da história da educação na Argentina. Somado a isso, o interesse deste estudo se dá pela análise da obra em seu conjunto, no que se refere à sua materialidade, ao modelo narrativo empregado, às características da escrita e às relações estabelecidas por ele.

Contudo, para aprofundar essas questões, é preciso entender, em primeiro lugar, a inclusão de Luzuriaga no campo acadêmico argentino e, especialmente, a importância de seu empreendimento editorial. Além disso, deve-se examinar o referido manual escolar no âmbito de sua inclusão na historiografia da educação na Argentina.

Finalmente, o artigo procurará investigar que sentidos e visões de América compõem no compêndio de ensino de Luzuriaga, por intermédio das diferentes formas de nomear o continente, especialmente quanto ao emprego do termo América Latina. Com essa operação, esperamos lançar luzes sobre algumas das concepções sobre a América que circularam nesse território e também na Europa.

Itinerários de Lorenzo Luzuriaga

Luzuriaga chegou à Argentina em 1939, quando já era uma personalidade de destaque no campo da pedagogia moderna espanhola. Formou-se pela Escola Normal Central de Madri e também pela Escola Superior do Magistério. Em 1913, ingressa na ILE (Institución Libre de Enseñanza), ganhando, logo em seguida, uma bolsa para completar seus estudos na Alemanha, mais precisamente, em Berlim e Jena, os quais,

naquele período, eram dois dos centros de maior fermentação intelectual da Europa.

Depois de completar seus estudos, voltou à Espanha, onde ocupou diversos cargos públicos, como Inspetor de Educação Básica, Inspetor agregado do Museu Pedagógico e, na mesma instituição, Chefe de publicações, o que lhe valeu a possibilidade de editar ali muitos de seus trabalhos. Precisamente, edição e publicação serão umas das suas iniciativas mais importantes, a partir das quais apresentou sua proposta para a educação pública na Espanha. Também ocupou cátedras na Universidade de Madri e no magistério primário, mas foi a publicação da revista *Pedagogía* o ponto alto de sua atividade editorial, iniciativa que, além da considerável repercussão obtida em seu país natal, difundiu-se por todo o continente americano, desde 1922 até 1936, quando teve sua publicação suspensa pela eclosão da Guerra Civil Espanhola.

A primeira etapa do exílio de Luzuriaga transcorre em Glasgow, Escócia, onde chega com a família e começa a trabalhar como professor de espanhol, posteriormente atuando também como lector em algumas universidades do Reino Unido. Somente três anos depois é convidado para trabalhar na Universidade de Tucumán, na Argentina, na Faculdade de Filosofia e Letras, mudando-se para a cidade setentrional do país platino em 1939.

Luzuriaga viveu com muito entusiasmo os primeiros anos na Universidade de Tucumán, especialmente devido à atmosfera que existia na faculdade dirigida por Eugenio Pucciarelli². Aí ocupou, primeiramente, as cadeiras de ‘Pedagogia’ e ‘Psicologia aplicada à Educação’ e, depois, por concurso, em 1941, a cadeira de ‘História da

² Emilio Pucciarelli se formou como professor de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de La Plata (UNLP) e Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires. Ele atuou como professor na Venezuela e decano da Faculdade de Letras da Universidade Nacional de Tucumán, Secretário do Centro da UNLP e Diretor do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires (UBA). No campo científico, ganhou notoriedade seu trabalho como presidente da Academia Nacional de Ciências de Buenos Aires e como membro da Sociedade Internacional Fenomenológica e da *Symbolic Logic Association*, nos Estados Unidos. Pucciarelli foi também autor de um grande número de livros, tendo sido ainda homenageado várias vezes pela Fundação Konex, pelo Ministério da Cultura da Nação Argentina e pelas Universidades de Moron de Tucumán e de Buenos Aires.

Educação'. Também ocupou o cargo de vice-decano da Faculdade de Artes e o de diretor do Instituto de Estudos em Educação. Em seus últimos anos em Tucumán, também reeditou a *Revista Pedagogía* e iniciou os contatos com a editora que marcaria sua carreira na Argentina: a Editorial Losada, a respeito da qual nos ocuparemos ulteriormente.

Apesar do entusiasmo inicial, o golpe militar de 1943 na Argentina restringe a autonomia das universidades nacionais, motivando Luzuriaga a se mudar para Buenos Aires, onde retoma o trabalho como editor. Nos primeiros anos, permaneceu 'fora' da universidade, realizando o trabalho editorial a que nos referimos. No entanto, no início de 1956, logo após o golpe militar que derrubou o governo de Juan Domingo Perón, assume por concurso as cadeiras de 'Didática' e 'História da Educação' na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires.

Devido à receptividade e às características do campo intelectual argentino, a inserção de Luzuriaga no universo letrado do país sul-americano, assim como de outros colegas exilados, foi rápida e deveu-se, em parte, ao prestígio que gozava no momento da chegada ao país, mas também porque compartilhava com a intelligentsia autóctone uma ideologia liberal, que procurava defender tanto em seu tirocínio acadêmico quanto em seu exercício profissional. Ainda assim, num momento em que a atmosfera e a proximidade com o poder político fortaleciam as correntes 'antipositivistas' e 'espiritualistas', Luzuriaga representava a tradição liberal mais pura, de traço positivista, porém de matiz utilitarista e empirista – foi o tradutor, na Argentina, das obras de John Dewey e Wilhelm Dilthey – o que supunha uma renovação para o positivismo argentino (fortemente criticado no período, contudo representativo nos círculos intelectuais liberais).

Um ponto central de sua proximidade com os grupos intelectuais argentinos foi a fundação de Realidade, revista de ideias, juntamente com Francisco Ayala – também exilado espanhol – e Francisco Romero. Dela participaram membros importantes do campo intelectual e cultural de ambos os países, tais como: José Luis Romero, Raul Prebisch, Ezequiel Martínez Estrada, Julio Pastor Rey e Guillermo de La Torre (TAGLIABUE, 1989).

Como boa parte dos intelectuais argentinos, Luzuriaga não estava em uma posição confortável durante o governo peronista, o que foi mais um motivo para ficar longe da vida universitária naqueles anos. O forte enfrentamento entre governo e círculos intelectuais liberais, bem como o

deslocamento de muitos deles de suas cadeiras universitárias, obrigou-o a procurar outras áreas para desenvolver o seu trabalho, dentre as quais a que mais alcançou proeminência foi a relacionada à atividade editorial.

Em decorrência disso, Luzuriaga viajou, em 1954, para lecionar na Venezuela, como professor convidado na Universidade de Caracas, tendo, em 1955, estendido seu traslado à Espanha, onde permaneceu algum tempo. No seu regresso à Argentina, logo após o golpe militar que derrubou o governo do General Perón, é reinserido na vida universitária do país, no tempo da 'idade de ouro'³ da Universidade de Buenos Aires (UBA), o que se aplica fundamentalmente para uma de suas faculdades: a de Filosofia e Letras, então em todo seu esplendor. No entanto, Luzuriaga permanece no cargo só até 1959, ano em que renuncia e, pouco depois, em 24 de dezembro, vem a falecer.

Seus anos de trabalho na Argentina foram intensos e produtivos. Foi professor universitário, autoridade em uma Universidade Nacional e autor de nove livros, incluindo o *Dicionário da Pedagogia*, publicado postumamente. Não só reeditou a Revista Pedagogía, criada ainda na Espanha, como também fundou uma nova. Além disso, traduziu importantes obras na área de ciências humanas, dirigiu coleções pedagógicas para a editora Losada e colaborou regularmente com o jornal La Nación por quase dez anos. Mas, principalmente, elaborou e publicou o livro a que nos propomos analisar neste trabalho: *História da Educação e da Pedagogia*. Embora não seja o seu trabalho mais lembrado ou ressaltado nas biografias a ele dedicadas, esse livro alcançou o maior número de edições na Argentina, ocupando o posto de manual mais difundido no campo da história da educação, ressaltando-se aí sua inestimável contribuição para a formação de professores e pedagogos. Tanto na Escola Normal como nos cursos de Pedagogia e, depois, nas faculdades de Ciências da Educação, esse compêndio foi

³ Esse período é conhecido como a 'idade de ouro' da UBA, pois, após o golpe militar, os setores universitários marginalizados pelo peronismo conseguiram recuperar seu lugar em função do apoio dado aos grupos que organizaram o golpe. Grande parte da intelectualidade liberal, membro-chave da aliança antiperonista, aproveitou esse momento para ocupar posições estratégicas na Universidade e também para deslocar os grupos conservadores identificados com o peronismo. Esse processo se aprofundou nos governos subsequentes (democráticos e militares), permitindo a renovação teórica, a criação de novas carreiras (especialmente as ligadas às ciências exatas e ciências sociais) e a introdução da pesquisa como uma função essencial das universidades.

incluído na maioria dos currículos de História da Educação e Pedagogia ou de História das Ideias Pedagógicas.

História da Educação e da Pedagogia: uma obra central da pedagogia Argentina

A produção de *textbooks* de história da educação na Argentina se vincula à necessidade de incluir conteúdos frente à renovação dos programas dos cursos de magistério, que incluíram a disciplina História da Educação. Como aponta Adrián Ascolani, a produção resultante

[...] fue un instrumento clave de difusión del espiritualismo pedagógico, resultante de la coexistencia, y a veces convergencia, de influencias teóricas e ideológicas de la filosofía idealista italiana y alemana, de la ortodoxia del magisterio de la Iglesia Católica, y de algunos referentes de la renovación pedagógica conocida bajo los términos escuela activa o escuela nueva (ASCOLANI, 2011, p. 16).

A escrita da História da Educação na Argentina foi influenciada, por um lado, pela história legislativa e institucionalista (ou seja, pelo relato da criação de instituições e níveis de ensino, assim como pela promulgação de leis) e, por outro, pelos ‘tratados de pedagogia’, nos quais se desenvolvia uma história das ideias pedagógicas, a qual, por sua vez, colonizou em grande parte o conteúdo da disciplina. Seguindo essa matriz, foram organizados os mais importantes manuais de ensino de história da educação na Argentina, especialmente após 1949, data de uma importante reforma do currículo do magistério. Esse nexo entre reforma e produção de material didático marcará profundamente a ‘disciplinarização’ da história da educação, ajudando a delinear o tom dos livros escolares e a definição dos conteúdos nos currículos das escolas normais. Ulteriormente, essa correlação pode ser encontrada também nas universidades, no curso de Pedagogia e de Ciências da Educação e nos cursos de formação de professores de nível secundário⁴.

⁴ É necessário esclarecer que, na Argentina, a formação de professores foi dada nas escolas normais até os anos 1970. No período, retira-se dessas instituições a responsabilidade primeira da formação docente e, em contrapartida, são criadas carreiras de professor do ensino fundamental e médio – em diferentes disciplinas

Dentre esses *textbooks*, destacam-se, de acordo com a seleção feita por Ascolani (2011), *Historia general de la Educación*, de Zuretti, J. C., 1946; *Historia de la educación Argentina*, de Solari, M., 1949; *Historia de la Educación: general y Argentina*, de Manghaniello, E. e Bregazzi, V., 1953; *Historia de la Educación*, de Favre, J., 1959 e, com o mesmo título deste último, de Arena, L., 1962. Embora seja possível encontrar muitos outros exemplos, os cinco títulos listados, sem dúvida, se sobressaem pela disseminação alcançada nos cursos de formação de professores e pedagogos.

Um aspecto que salta aos olhos é a ausência de textos de Lorenzo Luzuriaga nesse rol, tanto de História da Educação e da Pedagogia quanto de outros compêndios do autor espanhol, como História da Educação Pública, de 1946. Um ponto central na compreensão dessa questão é o fato de que o autor é um estrangeiro, mais especificamente, europeu. Tal aspecto nos avaliza a formular a hipótese de que os livros de Luzuriaga não são considerados parte da historiografia da educação argentina, apesar de terem sido escritos, editados e publicados no país. Ainda assim, constitui-se em uma obra central para a formação de professores, tanto no campo da história da educação quanto no da pedagogia.

Chamamos a atenção, não obstante, para o fato de que tanto os manuais indicados há pouco quanto os livros de Luzuriaga, ou ainda, tanto os produzidos na Argentina quanto no exterior possuem uma visão eurocêntrica de mundo. Tal como já foi indicado pela historiografia da educação argentina (CUCUZZA, 1997), os livros de história da educação e pedagogia publicados no país primaram por adotar um olhar e uma periodização ‘tradicional’, privilegiando uma representação europeizada do passado educativo, que enfatiza os “[...] hechos y pedagogos de los países centrales y desestima los de la periferia” (CUCUZZA, 1997, p. 73), fazendo dessa correlação uma chave semântica para a compreensão, por exemplo, da história da escola e da escrita no mundo moderno, com algumas poucas exceções. É nesse terreno de constituição da própria historiografia da educação argentina, a

– em novas instituições chamadas ‘Institutos de Formação de Professores’, pertencentes ao nível superior não universitário. No entanto, desde o início do século XX, as universidades têm oferecido, em paralelo, essas carreiras, assim como as de ‘Pedagogia’ e ‘Ciências da Educação’. Uma investigação mais acurada acerca da relação entre os cursos de formação de professores e a disciplina História da Educação pode ser encontrada em Ascolani (2001).

partir de uma matriz europeia, que emergirá a escrita de Luzuriaga. Como o pedagogo espanhol relacionar-se-á com essa vertente? Intentamos propor algumas respostas a seguir.

O projeto editorial de Luzuriaga

Como asseveramos, Luzuriaga publicara um número expressivo de obras no momento em que partiu para o exílio. Após a chegada à Argentina, esse trabalho editorial foi retomado com a ajuda de uma editora fundada por outro espanhol residente na Argentina: a Editora Losada, fundada por Gonzalo de Losada, em 1938. Embora seu nome e a atividade da editora estivessem ligados ao exílio espanhol, Gonzalo chegou ao país em 1928 (portanto, antes da eclosão da Guerra Civil na Espanha) e ao cabo de alguns anos, começou a tarefa de erguer o que ele próprio reconhece como a primeira experiência editorial “[...] eminentemente Argentina e, por extensão, americanista” (DABUSTI DE MUÑOZ, 1999-2000, p. 400).

Na Losada, foram publicadas importantes coleções de obras literárias, históricas e uma Biblioteca de Pedagogia. Muitas das coleções foram editadas por exilados espanhóis, que ali também publicaram suas obras, como Amado Alonso, Francisco Romero – parceiro de Luzuriaga na revista Realidade, Felipe Jimenez Asúa, entre outros. Conhecida como “[...] a editora dos exilados [...]” (DABUSTI DE MUÑOZ, 1999-2000, p. 400), muitos títulos estampados pela Losada foram proibidos na Espanha, circulando somente de modo clandestino, entre eles, a primeira publicação das obras de Federico García Lorca em espanhol.

A biografia de Gonzalo Losada o descreve como um ‘espanhol da América’, aquele que, embora europeu, vê como irmãos todos os povos do Novo Mundo. Talvez seja por isso que a Editora Losada tenha incluído importantes obras europeias e americanas em seus catálogos e tenha, da mesma maneira, abrigado autores de ambos os continentes. A importância e a transcendência de suas coleções levaram a editora a expandir seu raio de ação, chegando a ter filiais no Uruguai, Chile, Peru e na Colômbia, e escritórios em Madri, Rio de Janeiro, México, Nova York, Paris, Oxford e Guatemala. Quanto aos números, Dabusti de Muñoz (1999-2000, p. 402) nos fornece dados importantes:

De los 1200 títulos que figuraban en el catálogo de 1958, confeccionado a raíz del vigésimo cumpleaños de la editorial, 675 eran de autores de habla española y 564 pertenecían a autores traducidos.

[...] De los 675 títulos de habla castellana, 333 eran de autores españoles, 235 argentinos, 34 uruguayos, 27 chilenos, 11 venezolanos y 11 colombianos, perteneciendo el resto a los demás países de la misma lengua. Si a ello le sumamos los 28 títulos de autores brasileños tendremos que el 33% de la producción de la editorial correspondía a autores sudamericanos.

Se a essa informação somarmos a quantidade de edições que alcançou algumas de suas obras, podemos ver a importância dessa editora não só no ‘universo argentino’, mas também no ‘latino-americano’. Mais de 40 obras alcançaram a 10ª edição e outras superaram essa marca, como no caso dos títulos de Luzuriaga. Seu livro *Pedagogia* alcançou 17 edições, e o que nos interessa mais de perto aqui, *História da Educação e da Pedagogia* atingiu 22, tendo sido a última publicada na década de 1990, o que significa que seu efeito se manteve por aproximadamente 40 anos.

A produção de Luzuriaga na Editora Losada foi extremamente prolífica. Entre as coleções das quais foi editor incluem-se: *Biblioteca Pedagógica*, *Biblioteca do professor*, *A Escola Ativa*, *Cadernos de trabalho*, *A nova educação* e *Antologia*. Ao todo, publicou 12 obras de própria lavra, mais as antologias de Herbart e Pestalozzi (DABUSTI DE MUÑOZ 1999-2000). Algumas delas foram traduzidas para o português, como o livro *História da Educação Pública, Pedagogia social e política, A pedagogia contemporânea, Pedagogia* e o título sobre o qual nos debruçamos, *História da Educação e da Pedagogia*, todos pela Cia. Editora Nacional.

No conjunto de obras, pode-se ver a preocupação constante de Luzuriaga com as transformações e reformas na esfera da educação, sua filiação ao movimento da Escola Nova, assim como outras tendências da educação contemporânea. Precisamente em *História da Educação e da Pedagogia*, o autor divide seu trabalho em duas partes. A primeira corresponde à análise da história da educação e à abordagem de diversos momentos históricos; a segunda se assemelha a um compêndio de teorias pedagógicas, que inclui o que ele chama de ‘pedagogia contemporânea’ e ‘pedagogia psicológica e experimental’, além de uma revisão acerca do

movimento da escola nova em vários países da Europa, como a Alemanha, França, Suíça, Espanha, entre outros, e também dos Estados Unidos. O trabalho como um todo nos permite observar a concepção pedagógica do autor, mas também a sua compreensão da história e sua visão de mundo, o que, pelas particularidades expostas, aproxima Luzuriaga tanto da Europa quanto da América.

O projeto 'História da Educação e da Pedagogia'

Sem dúvida, *História da Educação e da Pedagogia* não se inscreve nas tendências espirituais, católicas e antipositivistas que influenciaram o campo da historiografia argentina, conforme o quadro exposto por Ascolani (2011). Pelo contrário, será uma referência da renovação pedagógica, o que é evidente na seção sobre a história da pedagogia e nos temas abordados em seu “[...] desarrollo de las ideas e instituciones pedagógicas [...]” (LUZURIAGA, 1951, p. 13), os quais, como ele mesmo afirma, possuem um escopo e uma finalidade didática.

Luzuriaga compreende a história da educação como parte da história da cultura e, portanto, seu objeto é o estudo das mudanças e do desenvolvimento que experimentou a educação entre os diferentes povos e épocas. Para isso, propõe centrar seu estudo sobre:

- Os ideais educativos dos diferentes momentos históricos;
- As concepções pedagógicas;
- O caráter e a atuação dos grandes educadores;
- As reformas das autoridades públicas;
- As alterações nos métodos e nas instituições educativas.

A isso é preciso acrescentar o que corresponde à história e à cultura de cada povo, suas características sociais, entre outros fatores. Assim, define-se uma influência recíproca entre educação e tal conjunto de fatores.

Para levar a cabo esse plano, Luzuriaga elabora uma periodização dividida no que chama de ‘A educação primitiva’, dos povos originários, “[...] antes da própria história [...]” (LUZURIAGA, 1951, p. 15), passando por ‘A Educação oriental’, ‘A Educação clássica’ (os povos da civilização ocidental, basicamente Grécia e Roma), ‘A Educação medieval’, ‘A Educação humanista’, ‘A Educação Cristã reformada’, ‘A Educação realista’, ‘A Educação racionalista e naturalista’, ‘A Educação

nacional’ até chegar à ‘Educação democrática’, que é a marca da educação do século XX, segundo o autor. Assim, vemos como sua historicidade tem uma perspectiva principalmente liberal e de forte tonalidade europeia.

Em suma, para Luzuriaga, o valor de seu trabalho reside na possibilidade de fornecer uma fonte para pensar a educação contemporânea. Seu principal interesse é traduzir a teoria em realidade, em elemento de política educativa (PELOSI, 1999).

[...] el estudio de la historia de la educación constituye un excelente medio para mejorar la educación actual, porque nos informa sobre las dificultades que han encontrado las reformas de la educación, sobre los peligros de las ideas utópicas, irrealizables y sobre las resistencias anacrónicas, reaccionarias que la educación ha sufrido. “El pasado con sus intentos felices y sus fracasos – dice Dilthey – enseña tanto a los pedagogos como a los políticos” (LUZURIAGA, 1951, p. 19).

De acordo com sua abordagem, a história da educação é, basicamente, uma história cultural e, como tal, deve tomar a seu cargo a apresentação das grandes expressões educacionais na periodização há pouco assinalada. No entanto, é essa mesma periodização que nos permite observar que o estudo se concentra em uma cosmovisão ocidental. Embora inclua uma seção sobre a educação ‘oriental’, trata, principalmente, de grandes civilizações, como a chinesa, a indiana, a egípcia e a hebraica, todas civilizações da Antiguidade.

Embora Luzuriaga desloque a visão dominante da historiografia da educação na Argentina para uma história cultural com pretensões universais, em oposição a uma história institucionalista e normativa, há alguns aspectos que precisam ser analisados, a fim de abordar nosso objeto: as visões sobre a América subjacentes a esse livro.

Visões da América em História da Educação e Pedagogia de Luzuriaga

Como afirmado anteriormente, interessa-nos identificar e analisar as visões sobre a América que subjazem a esse trabalho, escrito nas Américas por um europeu no exílio. Paralelamente, no entanto, analisar

as perspectivas sobre a América Latina emergentes nesse texto não é uma tarefa possível, uma vez que, em decorrência das particularidades do contexto, o qual será pormenorizado adiante, tal expressão não existia no vocabulário intelectual da época. É por isso que, neste tópico, pretendemos definir as diferentes formas de nomear América, enfatizando aquelas invocadas por Luzuriaga em seu percurso através da história da educação.

Pensar e falar sobre a América sempre foi tema controverso, especialmente no momento de nomear o território americano e seus subcontinentes. Na esteira dessa complexidade, ao rastreamos os termos usados por Luzuriaga em sua escrita, deparamos com usos múltiplos. A investigação das expressões utilizadas registra os seguintes resultados: Indo-américa, América espanhola, América britânica e América do Norte, em diferentes contextos temporais e espaciais, referindo-se também ao Caribe como uma zona com características diferentes das outras anteriormente denominadas.

Mas qual o significado de cada um dos termos usados? A que fazem referências? O que é que define cada um deles? A seguir, abordamo-los na ordem em que aparecem no texto:

‘Indo-américa’: esta denominação se refere ao continente na época da conquista. É o produto da confusão original que ocorre na chegada de Colombo à América, quando acreditava ter chegado à Ásia, às ‘Índias’, atribuindo esse nome a todo o continente e o de ‘índios’ aos habitantes nativos. Como tal designação persistiu, mesmo depois que se soube tratar-se de um continente em si, foi utilizado o termo ‘Indo-américa’ para diferenciá-lo das outras ‘Índias’. No caso de Luzuriaga, o termo é usado para se referir às pessoas que habitavam a terra antes da chegada dos espanhóis, sendo por isso que se vale da expressão povos ‘índo-americanos’. Essa seção está inserida no capítulo sobre a ‘Educação primitiva’ e lista rapidamente algumas características principais das duas civilizações que ocupam uma posição especial entre as sociedades primitivas, mas que não alcançaram o nível de organização das sociedades orientais e, menos ainda, das sociedades europeias. Essas sociedades pré-colombianas são os astecas e os incas – as duas grandes civilizações ‘vivas’ no momento do que ele chama de “[...] o descobrimento [...]” da América (LUZURIAGA, 1951, p. 26). Assim utilizada, a denominação ‘Indo-américa’ permite definir o território e os

povos que o ocupavam no momento da chegada dos espanhóis e no período posterior à conquista.

‘América espanhola e América britânica’: ocupar-nos-emos, de forma conjunta, dessas duas unidades, haja vista que têm uma substância comum, qual seja, a denominação, de acordo com a função de sua ocupação colonial e, de forma esmiuçada, em relação ao país ou à coroa que colonizou o território: o norte pela Coroa britânica e a maior parte do restante do continente pela Coroa espanhola.

Luzuriaga aborda esses dois ‘territórios’ em capítulos diferentes, embora com uma organização semelhante. Refere-se à colonização de cada um e às formas que adquiriu a educação em cada uma das colônias. Em ambos os casos, faz referência ao papel da religião, ao catolicismo, no caso da América espanhola, e ao puritanismo e ao calvinismo, no caso da América britânica. Na América espanhola, são destacadas as ações do poder real e das ordens religiosas: o primeiro criando instituições voltadas à educação geral da população, especialmente a de origem hispânica; as segundas, preocupadas com a evangelização das populações nativas. Nas colônias britânicas, observa-se a valorização da educação com espírito cívico e democrático, embora também com uma forte inspiração religiosa e como uma responsabilidade do Estado. Luzuriaga é fortemente influenciado pelo movimento regeneracionista espanhol, que buscava recuperar a identidade passada do país, “[...] projetando-se para o futuro à procura do progresso e da regeneração da Espanha” (DEL ARENAL, 2011, p. 22). Nessa busca, os vínculos com a América eram fundamentais para resgatar um passado de glória. O continente americano era parte desse passado que se queria regenerar. A partir desse movimento, gestará o hispano-americanismo: o meio com que o regeneracionismo liberal valer-se-á para se vincular à América, mediante uma nova forma de se relacionar com o continente, com uma comunidade de nações “[...] mutuamente benéfica para os participantes [...]” (DEL ARENAL, 2011, p. 23), que permitisse recuperar a influência sobre um território frente ao qual, naquele período, os Estados Unidos afirmavam sua hegemonia.

‘Hispano-américa’: sem dúvida, este é o nome mais comum no vocabulário do autor, mas também de grande parte do campo intelectual, até um pouco depois da metade do século XX. Esse vocábulo designa os territórios sob controle espanhol durante o período colonial, mas também os que surgiram logo após o processo de independência. O critério que

confere uma unidade a essa denominação é o de um passado colonial comum e uma língua que os unifica. Assim, os territórios hispano-americanos são definidos e contrastados com outro nome, o qual, embora não utilizado por Luzuriaga, tem uma importante difusão: trata-se de ‘América anglo-saxônica’. Essa diferenciação é mais minudente do que ‘América do Norte’, na medida em que esse subcontinente também inclui o México, podendo, dessa maneira, ser usada para demarcar os limites, segundo critérios não geográficos, como poderemos constatar quando nos referirmos ao subcontinente citado logo acima. Luzuriaga inicialmente se refere à América espanhola durante a vigência do período colonial, quando enfatiza a influência da metrópole na definição de um modelo pedagógico, para logo assinalar a penetração das ideias iluministas, francesas principalmente, e sua influência nos movimentos de independência. Entretanto, em um segundo momento, mantém o uso do vocábulo para falar das ‘repúblicas hispano-americanas’. Aqui faz referência àqueles países resultantes do processo de esfacelamento da unidade colonial. O autor se refere a esses territórios como ‘instáveis’, preocupados, fundamentalmente, com o ensino primário e já apresentando uma forte influência do positivismo e da educação norte-americana – essa última marca é notável ao aludir ao pedagogo argentino Domingo F. Sarmiento.

Observa-se nitidamente que, ao se referir a essas ‘repúblicas’, concomitantemente Luzuriaga estabelece a impossibilidade de se abarcar a totalidade de suas respectivas experiências educativas, direcionando sua lente, pois, para a Argentina, Chile, México, Uruguai e Venezuela. Conquanto estes sejam os países com maior nível de desenvolvimento educacional, é notável, em contrapartida, a invisibilidade a que são lançados o Caribe e a América Central.

Como anotado anteriormente, a utilização, nesse contexto, do vocábulo ‘Hispano-américa’ está ligada ao movimento regeneracionista espanhol e à necessidade de estreitar os laços com as Américas, parte fundamental do Império espanhol por cerca de quatro séculos. Os círculos intelectuais vinculados ao país europeu retomaram e ampliaram o uso da expressão ‘Hispano-américa’, que também tomou força significativa no continente americano. Contudo, fora dos limites em que se encontravam Luzuriaga e parte dos letrados espanhóis e sul-americanos, o uso do termo ‘Hispano-américa’ é criticado de modo virulento, revelando a exclusão que realiza dos territórios colonizados

por Portugal. Grande parte dessa crítica representa um contraponto à política ‘hispano-americana’ do franquismo, como a exaltação da hispanidad e a alusão à ‘comunidade hispânica de nações’.

Por esta razão, torna-se mais frequente, com o correr do século XX, a denominação Ibero-américa, relacionada aos territórios que eram colônias de países ibéricos, ou seja, Espanha e Portugal. Na Espanha, essa denominação se consolida logo após o processo de transição democrático pós-franquismo. Todavia, no contexto da elaboração de *Historia de la Educación y de la Pedagogía*, o hispano-americanismo era um tema caro ao autor, que sequer incluiu ou fez comentários sobre a educação no Brasil. Sem dúvida, as raízes hispano-americanas se impõem às ibero-americanas. Isso também é evidente na separação prévia que o autor faz entre América espanhola e anglo-saxônica, como se percebe no trecho abaixo:

[...] las diferencias norte-sur en la constitución de esas republicas estructuradas fundamentalmente desde el viraje que implica para España la perdida de sus últimas posesiones americanas en 1898 – Cuba, Puerto Rico y Filipinas – y el cambio de la correlación de fuerzas entre Europa y EEUU con la Doctrina Monroe. Esta fractura fue un núcleo argumentativo de un importante número de intelectuales a principios del siglo XX y desde el cual se nutrieron los nacionalismos españoles y de las repúblicas independizadas: lo geopolítico, lo cultural (espiritualismo versus pragmatismo americano) y la modernización (MONTENEGRO, 2001, p. 87).

Daqui se pode já depreender a invisibilidade da ‘América portuguesa’. Há que se ressaltar, contudo, que Luzuriaga se distanciava do ideário hispanista reacionário católico e, como afirmamos, encontrava-se mais próximo de regeneracionistas como Altamira ou Posada, que

[...] pretendían una reconstrucción de la historia nacional como valor para la revitalización del país, liberándola de mitos y leyendas y [...] en consonancia con los valores de una nueva etapa de modernización estructural y política (TABANERA GARCÍA, 1997, [tela 1]).

‘América do Norte’: como observado, este termo bem poderia denominar o subcontinente ‘geográfico’, que inclui México, Estados Unidos, Canadá, Groenlândia e ilhas adjacentes. No entanto, o uso mais generalizado engloba apenas os Estados Unidos. Luzuriaga o usa nos dois sentidos. Por um lado, alude às ex-colônias britânicas, reportando-se ao sentido que a educação tomou após o processo de independência e, fundamentalmente, utiliza-o para se referir ao país que emerge da revolta, emancipação e expansão territorial das ‘treze colônias originais’ inglesas. Nesse sentido, quando o autor se refere às ‘colônias’, parece que o faz precipuamente em relação a esse núcleo específico da experiência europeia de colonização do Novo Mundo e não tanto ao total dos territórios atualmente ocupados pelos Estados Unidos e por Canadá. Nesse caso, refere-se a uma educação com caráter cada vez menos religioso e, em contrapartida, mais cívico e democrático, visando à formação de um sujeito democrático, defensor da liberdade e da igualdade.

Considerações Finais

O percurso pelas diferentes denominações usadas por Luzuriaga para se referir ao continente americano nos permite sublinhar duas questões centrais. A primeira é a impossibilidade, por razões de contexto da época, de se falar de América Latina. Essa palavra nasce na França no final do século XIX e é empregada para dar conta da unidade de um território, como uma herança comum europeia, sem enfatizar a importância histórica e específica que tiveram Espanha e Portugal. Assim, o ‘latino’ se refere à herança da língua: o espanhol, o português e o francês – os três idiomas que, em extensão variada, são falados nesse território.

Não obstante, e ainda que os círculos intelectuais ligados à França tenham certa ressonância, a expressão ‘América Latina’ não se empregou na região até pouco depois da criação da ONU, quando então falar-se-á claramente de ‘repúblicas latino-americanas’. Porém, foi devido a Raul Prebisch que o uso da palavra se estenderia no meio acadêmico e intelectual da região. Prebisch, renomado economista e responsável pela criação da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina), foi quem usou largamente a expressão, a qual terminou por impregnar a literatura especializada desde as décadas de 1960 e 1970.

Na Argentina, seu uso se consolidou por intermédio da influência de Prebisch, da ‘Teoria da Dependência’, das ‘Teorias críticas’, mas também de revoluções socialistas, como a Revolução Cubana, e do surgimento de mecanismos de reação, como a ‘Aliança para o Progresso’. Toda essa atmosfera foi o cenário perfeito para marcar a aparição de uma nova forma de denominação do território, porém bem longe dela esteve a escrita de Luzuriaga.

Os vocábulos empregados por Luzuriaga correspondem às acepções mais difundidas e utilizadas em seu tempo e, *pari passu*, remetem a uma concepção de América que se define essencialmente pela sua relação com o continente europeu. Aqui está, sem dúvida, ‘o europeu’, na escrita de Luzuriaga. Como o espanhol, não se furta a enfatizar os espaços ligados a esta conquista, mas, como ‘liberal’, não pode deixar de admirar a evolução das ‘colônias americanas’, um farol que ilumina a educação e pedagogia da época.

Entretanto, por outro lado, seu exílio americano, a situação vivida na Europa com as ditaduras de cunho fascista, especialmente o franquismo espanhol, leva Luzuriaga a admitir que o território de exílio é um lugar privilegiado para se desenvolver a pedagogia moderna.

América, para além das distinções, representa o futuro da civilização, a esperança da evolução da democracia e da educação. Apesar de esse anseio estar depositado nos Estados Unidos e nas experiências da Escola Nova, não deixa de considerar todo o território como um espaço onde é possível transformar a educação.

Sem dúvida, chama atenção a tradução de suas obras para o português e a larga divulgação de História da Educação e da Pedagogia no Brasil⁵, exatamente pelo fato de sua adesão hispano-americanista não contemplar a perspectiva ibero-americana e, portanto, o território brasileiro, em sua ‘História da Educação’.

Por fim, adverte-se que o que se pretendeu assinalar, no exame das diferentes denominações conferidas ao continente americano, relaciona-se à busca de uma compreensão do porquê de não se poder falar e, muito menos, analisar as visadas sobre América Latina presentes no textbook de Luzuriaga. A América Latina não é significativa nesse contexto. A

⁵ Conforme apontado em *Circuitos e fronteiras da escrita da história da educação na Ibero-américa: a experiência de escrita de Lorenzo Luzuriaga na Espanha e na Argentina e sua apropriação no Brasil*, artigo integrante deste dossiê.

matriz predominante, e não apenas no texto de Luzuriaga, é a que mantém a América fortemente ligada ao continente europeu, e o sentido que lhe foi atribuído, tanto nas visões hegemônicas como nas contra-hegemônicas, afastam-se nitidamente de uma visão ‘latino-americana’.

Luzuriaga menciona uma América dividida por dois processos colonizatórios importantes (o espanhol e o britânico), os quais possuem diferenças marcantes tanto em sua origem quanto em seus desdobramentos e no desfecho emancipatório, em que pese concluir por igualá-las como um lugar de esperança para o futuro. Ao mesmo tempo, a sua herança espanhola e hispano-americanista e regeneracionista deixa de fora ou não possibilita uma mirada completa acerca do território das Américas. Porém, confere um destaque e valorização inéditos às Américas na história da educação na Argentina, pelo menos, até os anos 1970, quando Gregório Weimberg escreve *Modelos educativos en la Historia de América Latina* (1984), obra que não só diferencia claramente o modelo lusitano em relação ao espanhol e sua vertente colonizadora, como também inclui a história da educação no Brasil e na América Central.

Referências

ASCOLANI, A. Espiritualismo pedagógico, antipositivismo e historiografía en los manuales de Historia de la Educación (Argentina, 1946-1962). In: GONDRA, J. G.; SILVA, J. C. S. (Org.). *Historia da Educação na América Latina: ensinar e escrever*. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2011, p. 15-37.

_____. La historia de la educación argentina y la formación docente: ediciones y demanda institucional. *Revista Brasileira de História da Educação*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 187-209, jan./jun. 2001.

CUCUZZA, H. R. De continuidades y rupturas: el problema de las periodizaciones. *Anuario de la sociedad Argentina de historia de la educación*, San Juan, n. 1, p. 59-86, 1997.

DABUSTI DE MUÑOZ, M. T. Trayectoria de Lorenzo Luzuriaga en Losada, una editorial en el exilio. *Revista de Historia Contemporánea*, Sevilla, n. 9-10, p. 396-408, 1999-2000.

DEL ARENAL, C. *Política exterior de España y relaciones con América Latina*. Madrid: Fundación Carolina; Siglo XXI, 2011.

LUZURIAGA, L. *Historia de la educación y la pedagogía*. Buenos Aires: Losada, 1951.

MONTENEGRO, A. Buenos Aires en el centenario de 1910: espacio urbano y escolar, carta de presentación para el reconocimiento extranjero. In: INTERNATIONAL STANDING FOR THE HISTORY OF EDUCATION, 23., 2001. *Actas...* Birmingham, 2001. p. 87-102 .

PELOSI, C. Los transterrados en Argentina. Lorenzo Luzuriaga y sus empresas culturales. *Studia Zamorensia*, Zamora, n. 5, p. 203-226, 1999.

TABANERA GARCÍA, N. El horizonte americano en el imaginario español. *Estudios interdisciplinarios de América y el Caribe*, Tel Aviv, v. 8, n. 2, [1 tela], 1997. Versão online. Disponível em: <http://www1.tau.ac.il/eial/index.php?option=com_content&task=view&id=712&Itemid=289>. Acesso em: 29 maio 2013.

TAGLIABUE, N. El exilio español en Argentina: la labor de Francisco Ayala, Luis Jimenez de Azúa y Lorenzo Luzuriaga. In: ABELLÁN Y MONCLÚS (Coord.). *El pensamiento español contemporáneo y la idea de América: II. El pensamiento en el exilio*. Barcelona: Antropos, 1989.

WEIMBERG, G. *Modelos educativos en la Historia de América Latina*. 1. ed. Buenos Aires: CEPAL, UNESCO, PNUD; AZ Editora, 1984.

Endereço para correspondência:
Sarmiento 804 2°C, Tandil- CP 7000,
Província de Buenos Aires/Argentina.
E-mail: jorgelinamendez@gmail.com
Tel.: 0054-0249-15-4483732

Submetido em: 04/09/13
Aprovado em: 27/07/14

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.
--